O GLOBO
Publicado em 12/08/2023 - 05:57

PF vê 'organização criminosa' e pede quebra de sigilo de Bolsonaro

NO RASTRO DOS PRESENTES

MERCADO PARALELO

PF vê organização criminosa no entorno de Bolsonaro e pede quebra de sigilo do ex-presidente

CAIO ROCHA/SHOOT/02-05-2023

Mercado de luxo. O ex-ajudante de ordens Mauro Cid é apontado pela PF como integrante de um esquema para vender, no exterior, joias recebidas por Bolsonaro quando era presidente

EDUARDO GONÇALVES, PAOLLA SERRA, REYNALDO TUROLLO JR. E DANIEL GULINO
politica@oglobo.com.br
BRASÍLIA

A Polícia Federal aponta a existência de uma organização criminosa no entorno de Jair Bolsonaro que atuou para desviar joias, relógios, esculturas e outros itens de luxo recebidos pelo ex-presidente como representante do Estado brasileiro. Para o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), que autorizou operação de busca e apreensão realizada ontem, há indícios de que o plano ocorreu por "determinação" do ex-ocupante do Palácio do Planalto, que não foi alvo da ação policial. A PF pediu à Corte a quebra de sigilo fiscal e bancário de Bolsonaro, assim como autorização para ouvi-lo em depoimento, e agora vai se debruçar sobre os detalhes da suspeita de participação dele no esquema.

A empreitada incluiu viagens às pressas de aliados para os Estados Unidos para recomprar presentes que, após terem sido entregues a então presidente por autoridades árabes, foram vendidos a joalherias. Parte dos itens foi levada no avião presidencial para ser vendido no exterior, quando Bolsonaro deixou o país em 30 de dezembro de 2022. A investigação estima que as negociações podem ter arrecadado em torno de R$ 1 milhão.

Ontem, os agentes cumpriram mandados de busca e apreensão em endereços do general Mauro Cesar Lourena Cid, pai do tenente-coronel Mauro Cid, ex-ajudante de ordens; do advogado Frederick Wassef, que atua na defesa do ex-presidente; e Osmar Crivelatti, que ainda integra a equipe de assessores de Bolsonaro. Segundo a PF, a ofensiva para se apropriar de bens públicos driblou o setor do Palácio do Planalto responsável por catalogar os presentes dados ao presidente da República.

FORA DOS REGISTROS OFICIAIS

Um relógio Patek Philippe, entregue a Bolsonaro em 2021 pelo regime do Bahrein, não aparece nos registros oficiais, segundo a PF. Na chefia do Executivo à época, ele recebeu de Cid, em 16 de novembro daquele ano, via WhatsApp, o certificado de autenticidade do modelo, avaliado em US$ 51 mil (cerca de R$ 250 mil, na cotação atual). A investigação colheu no celular do ex-ajudante de ordens documentos que comprovam a venda da peça, em 13 de junho de 2022, para uma loja na Pensilvânia (EUA). Cid recebeu US$ 68 mil na transação — um relógio Rolex, presenteado pela Arábia Saudita em 2019, também entrou na negociação. O tenente-coronel estava nos Estados Unidos na ocasião acompanhando Bolsonaro na Cúpula das Américas.

Segundo a PF, a falta de registro indica "a possibilidade" de o relógio sequer ter passado pelo então Gabinete Adjunto de Documentação Histórica, sendo desviado diretamente para a posse do ex-presidente Jair Bolsonaro".

Os agentes também querem ouvir a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro. A defesa do ex-presidente afirmou que ele "jamais apropriou-se ou desviou quaisquer bens públicos" e disse que a movimentação bancária está "à disposição". Os advogados de Cid não se manifestaram. Em nota, o Exército afirmou que "não compactua com eventuais desvios de conduta de quaisquer de seus integrantes".

Quando vieram à tona, já neste ano, informações sobre joias em posse de Bolsonaro, aliados desencadearam uma ofensiva para tentar reaver ao menos parte das peças e entregá-las ao Tribunal de Contas da União (TCU). No caso do Rolex cravejado de ouro e diamantes, Wassef foi à mesma loja americana, em 14 de março, e voltou com a peça para o Brasil. Em 2 de abril, o repassou para Cid. Dois dias depois, o item, junto com outras joias, foi devolvido por Bolsonaro.

Coube a Cid reaver outro conjunto. Em 26 de março, o militar embarcou para os Estados Unidos com o objetivo de recuperar um kit que tinha anel, abotoaduras e um rosário islâmico. Na manhã do dia seguinte, já no exterior, sacou US$ 35 mil em uma agência do Banco do Brasil e se dirigiu à joalheria em Miami onde as peças estavam expostas. O cronograma da viagem evidencia a urgência com a qual o assunto era tratado: Cid voltou para o Brasil na noite do dia seguinte ao embarque, permanecendo menos de 24 horas em solo americano. Os itens também foram devolvidos, após ordem do TCU.

Além das mensagens e documentos, como comprovantes de venda e registros bancários, a PF listou outras provas da movimentação do entorno de Bolsonaro. Quando Cid foi recuperar o kit, por exemplo, o deslocamento ficou registrado no Waze e no acesso que fez à rede wi-fi da loja. Os deslocamentos aéreos de Cid e Wassef também deixaram rastros. A investigação traz imagens do tenente-coronel quando desembarcou de volta em Brasília com as joias recuperadas.

Uma das descobertas foi fruto de um descuido: ao fotografar uma peça que não chegou a ser vendida em função do baixo valor comercial, Lourena Cid mostrou o próprio reflexo na imagem, que foi enviada por WhatsApp para o filho.

Pela lei, os presentes recebidos devem ser registrados como bens de interesse público, com exceção de itens consumíveis e aqueles considerados "personalíssimos". Em março, o TCU reforçou que itens de uso pessoal de alto valor não se enquadram nessa categoria e devem ser registrados.

DINHEIRO EM ESPÉCIE

A investigação indica ainda que Lourena Cid tinha consigo US$ 25 mil em espécie que seriam de Bolsonaro. Em mensagens, o ex-ajudante de ordens, filho do general, discute com outro auxiliar do ex-presidente como seria a melhor forma de entregar o dinheiro a Bolsonaro. Para Cid, o ideal seria evitar utilizar contas bancárias. "Tem vinte e cinco mil dólares com meu pai. Eu estava vendo o que, que era melhor fazer com esse dinheiro, levar em 'cash' (dinheiro vivo) aí. Meu pai estava querendo inclusive ir aí falar com o presidente. Entregaria em mãos. Quanto menos movimentação em conta, melhor né? ", disse Cid na mensagem, de 18 de janeiro deste ano, data em que Bolsonaro estava nos Estados Unidos.

Uma das suspeitas da investigação é que toda a operação envolvendo as joias tivesse como objetivo a "conversão em dinheiro em espécie para o ingresso no patrimônio pessoal do ex-presidente da República, por meio de pessoas interpostas e sem utilizar o sistema bancário formal, com o objetivo de ocultar a origem, localização e propriedade dos valores".

Em outras ocasiões, Bolsonaro já afirmou que movimentava quantias em espécie visando o pagamento de despesas pessoais, para evitar registros que pudessem comprometer sua segurança enquanto presidente da República.

Outra tentativa de venda, esta mal sucedida, envolveu um conjunto da Chopard com caneta, anel, abotoaduras e relógio. Este foi o kit recebido pelo ex-ministro Bento Albuquerque (Minas e Energia), quando esteve na Arábia Saudita.

A PF identificou que Cid levou os itens a uma loja de Nova York, com a expectativa de que um leilão pudesse arrecadar entre US$ 120 mil e US$ 140 mil. Foi possível definir que eram os mesmos itens presenteados em função do número de série do relógio. A iniciativa falhou por falta de compradores, e as peças foram enviadas de volta.

OPERAÇÃO DA POLÍCIA FEDERAL

Eixos principais

Cinco pontos de atuação da suposta organização criminosa identificados pela PF

1. Ataques virtuais a opositores
2. Ataques às instituições, como STF e TSE; ao sistema eletrônico de votação e à higidez do processo eleitoral
3. Tentativa de golpe de Estado e de abolição violenta do Estado Democrático de Direito
4. Ataques às vacinas contra a Covid-19 e às medidas sanitárias na pandemia
5. Uso da estrutura do Estado para obtenção de vantagens

Na mira

Jair Bolsonaro — Ex-presidente

Mauro César Lourena Cid — General do Exército e pai de Mauro Cid, ex-ajudante de ordens de Bolsonaro Mauro Cid

Osmar Crivelatti — Tenente do Exército e ex-ajudante de ordens de Bolsonaro

Frederick Wassef — Advogado que já defendeu Bolsonaro e seus familiares

Elementos que ligam Bolsonaro à investigação

Certificado de relógio vendido
Certificado de relógio vendido Cid enviou para o celular de Bolsonaro um certificado de autenticidade de um relógio Patek Philippe que teria sido dado por autoridades do Bahrein em 2021 e vendido a uma loja dos EUA. Não há registro oficial na Presidência do recebimento desse relógio.

Discussão sobre entrega de US$ 25 mil
A investigação da PF aponta que o general Mauro Lourena Cid tinha consigo US$ 25 mil em espécie que seriam do ex-presidente. Em mensagens, Cid, seu filho, discute com outro auxiliar de Bolsonaro, Marcelo Costa Câmara, como seria a melhor forma de entregar o dinheiro ao ex-presidente. Para Cid, seria melhor evitar utilizar contas bancárias

Indícios de desvio 'por determinação' do ex-presidente
O ministro Alexandre de Moraes, do STF, afirmou que dados "indicam a possibilidade" de que o esquema de desvio de presentes recebidos pela Presidência ocorreu por "determinação de Jair Bolsonaro"

EDITORIA DE ARTE

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Política **Pagina:** 4

Copyright © Clipclap 2025.